

Fátima Regina da Rosa
Mestranda em Literatura Brasileira, UFSC

“Nada há de mais original, nada mais intrínseco a si que se alimentar dos outros. É preciso, porém, digeri-los. O leão é feito de carneiros assimilados.”

Paul Valéry

“As literaturas são como seixos no fundo quieto dos rios: precisam de muitas e diferentes águas para se tornarem polidas. E se, por um lado, podem ficar menores, perdem, por outro, certas arestas duras e agressivas, infinitamente mais nocivas à sua perfeição.”

Ronald de Carvalho

“Teu pai (...) repetia *maktub*. Estava escrito. Vocês discutiam, no teu ceticismo brincava que *maktub* que nada! E agora? Será que também estava escrito? *Maktub!*”

Salim Miguel

INTRODUÇÃO

Salim Miguel na cadeia revela-se um antropófago!

Manchete de jornal sensacionalista?

Não, nada disso: apenas a idéia que me levou a redigir esse trabalho.

Essa idéia nasceu da leitura do livro *Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeia*, de Salim Miguel, e das aulas do curso *Regionalismo - O Tempo e o Texto na Literatura Regional*, ministrado pelo prof. Celestino Sachtel.

Tendo por base a peça *A Tempestade*, de William Shakespeare, o que se buscou nesse trabalho foi encontrar elementos que aproximassem Salim Miguel, em seu livro, a um dos três personagens da peça: *Próspero, Ariel ou Caliban*.

O presente trabalho abre com um panorama da antropofagia

cultural, dentro do nosso Continente, a partir da chegada dos povos colonizadores, dando-se ênfase à América Latina.

O trabalho, em sua segunda parte, traz a análise daquilo que é sua proposta: a identificação de Salim Miguel com os personagens de Shakespeare.

A ANTROPOFAGIA COMO ELEMENTO CULTURAL

Na Idade Média cogitava-se sobre a existência de terras situadas a oeste da Europa. Se não se podia comprovar a veracidade dessa existência, podia-se fantasiar sobre ela. Narrativas fantásticas apareceram contando sobre essas terras que teriam vegetação luxuriante, abundância de metais e pedras preciosas, rios caudalosos e povos amigos. Outras narrativas davam conta de monstros e gigantes devoradores de homens que habitavam continentes e ilhas desconhecidas; no mar, próximo a essas terras, haveria ondas imensas que engoliriam os navios e, mais adiante, o fim do mar, o que levaria os navios e seus ocupantes a despencarem no vazio.

Até que, em 1492, Colombo descobre a América.

1492 foi a data que dividiu a História em Idade Média e Idade Moderna. Para os nativos deste lado do Atlântico, foi a exposição de um mundo a outro, o Novo que passa a ser objeto tanto de cobiça quanto do maravilhamento do Velho. Expansão da burguesia mercantil européia, viagem das navegações encetadas pelos portugueses nas primeiras décadas do século XV. Primeiro ato do drama da colonização, da catequese, do capitalismo comercial em súbito crescimento...¹

A fantasia vira realidade, é preciso agora lucrar com essa realidade: os povos ibéricos que aportaram na América Latina, à época de seu descobrimento, vinham em busca de riquezas (como nos mostra a *Carta*² de Pero Vaz de Caminha). Tinham, portanto, um espírito antropofágico, canibal, no sentido da devoração do outro, no caso, o Índio.

Portadores de uma visão do tipo rua-de-mão-única, ou seja, só havia um lado onde se poderia estar, uma única consciência de mundo e de si mesmo válida: aquela dada pela civilização européia. Era-lhes, então, inconcebível que se pudesse agir de outra forma com os índios, exceto tratá-los ora como animais sem alma, ora como criancinhas a quem se deve ensinar o caminho do Bem e da Verdade. Configuram-se assim, portugueses e espanhóis, num verdadeiro exército redentor. Desconhecendo, ou não podendo perceber que no Continente recém-

descoberto viviam culturas diversas entre si, e não européias, tentam impor aos índios seus próprios padrões culturais. Quer dizer, fizeram a antropofagia da cultura indígena, mas sem digeri-la.

Nessa época, abundaram textos extasiados diante da exotividade do Continente recém-descoberto. Outros textos como os de Hans Staden e Montaigne deixam de lado o deslumbramento ao mesmo tempo que não procuram impor suas culturas, apenas relatam sem falsos pudores ou moralismos e sem julgamentos³ a cultura do outro.

Em 1611-1612, William Shakespeare escreve a peça *A Tempestade* que conta a história de um homem, Próspero, nobre da corte italiana que, traído por seu irmão, vai parar junto com sua filha Miranda numa ilha. Esta ilha pertencera a feiticeira Sicorax, que fora vencida por Próspero. O filho desta feiticeira, Caliban, torna-se escravo de Próspero que possuía “poderes mágicos” advindos de seus livros. Contava Próspero, também, com a ajuda de Ariel, espírito do ar, outrora aprisionado por Sicorax num carvalho. Ariel servia a Próspero por gratidão, por este tê-lo libertado e também por medo, pois Próspero ameaçava prendê-lo novamente caso não o ajudasse a reencontrar-se com seu traidor.

Numa das leituras possíveis da peça, a ilha seria tomada como representante das terras recém-descobertas, Ariel, o espírito, o intelectual que ajuda o colonizador e se mantém íntegro e puro. Próspero representaria o colonizador, o homem europeu que detém o conhecimento, enquanto Caliban é apresentado como o rebelde, o grotesco e impertinente nativo que não se deixa dominar. Ao contrário, pretenderia a assimilação e a transformação das culturas.

Por essa leitura, a peça pode ser tomada como uma alegoria da situação vivida nas colônias, com uma ressalva: nas colônias latino-americanas existiam (se existiram) pouquíssimos Calibans que não eram ainda suficientemente fortes e conscientes para lutar contra o transplante da cultura européia para as colônias, num desrespeito completo às diversas culturas daqui. No entanto, ainda no caso das colônias latino-americanas, Portugal e Espanha não eram suficientemente fortes para se manterem como matriz cultural dessas colônias e logo a recém-nascida América estava faminta.

Para matar a fome o latino-americano continua a nutrir-se do modelo europeu, contudo, trocou-se o cardápio: o raquítico trivial ibérico cedeu lugar ao requentado manjar anglo-francês.

O latino-americano passou, então, a devorar a cultura da Inglaterra e da França, buscando assimilar temas e atitudes adaptadas à realidade local. No Brasil, por exemplo, em pleno processo de independência política e conseqüente procura de uma identidade nacional, os escritores procuraram

valorizar nosso passado, mas o fizeram em moldes europeus, o que resultou num Romantismo brasileiro com características comuns ao Romantismo europeu, mas tendo ao mesmo tempo outras características próprias, fruto de modificações sofridas frente a nossa realidade.

Vítima quase sempre indefesa dos interesses políticos e econômicos de fora, a América Latina viu, no final do século passado e início deste século, crescer o domínio sobre si dos Estados Unidos (que em breve influenciariam até a Europa).

José Enrique Rodó, professor uruguaio (1871-1917), procurando romper a hegemonia norte-americana sobre nós, escreveu, em 1900, *Ariel*, um livro impregnado pela cultura européia e seus ideais. O livro toma três personagens da peça *A Tempestade*, de Shakespeare: Próspero, que no livro é o narrador, um professor que em sua última aula dá conselhos aos seus discípulos, numa fala que representa o colonizador, o herói civilizador em relação à América Latina; Caliban, o nativo, o não-europeu, representando o utilitarismo norte-americano; e, Ariel, o espírito e o saber europeus, a intelectualidade que sobrepuja o carnal e o instinto (ambas características latinas). Ariel, para Rodó, é o modelo a ser imitado pelos latinos-americanos. Luis Alberto Sánchez (1974, p.213) afirma que:

La obra más característica de Rodó es *Ariel*, Escrita a los veintisiete años, refleja una madurez increíble. Se libraba entonces un dramático duelo entre el supuesto idealismo hispano-americano y el alegado mamonismo yanqui. Dicho en una alegoría shakespiriana; entre Ariel y Caliban. Con unilaterización poco prudente, Rodó admitía tácitamente que los norteamericanos podían ser definidos por el 'I must eat' del Caliban de *La tempestade*, y los latinos por el aire sutil de Ariel. En el medio como um promotor o arbitro están el viejo Próspero, su propia representación, tratando de dirigir el transcendental diálogo entre una técnica y el impetu auroral y creador de otra.

Rodó criou com seu livro o mito do “arielismo”, adotado por muitos escritores hispano-americanos como Francisco Calderón e Gonzalo Zaldumbide, e que procurava exaltar o idealismo, o espírito sobre a matéria, a liberdade contra a opressão. Contudo devorado pela cultura colonizadora européia, em sua leitura de *A Tempestade*, Rodó não percebeu que Ariel ajudava com artimanhas e subterfúgios a Próspero em seus propósitos, e que este não se furtava nem ao uso da força para melhor dominar a ele, Ariel, e a Caliban, que contudo não se deixou devorar. Se o seu livro usa de modelos europeus e ainda defende idéias da colonização,

sua posição, contudo, é justificável dentro do espírito de seu tempo, que era o da luta por parte de alguns intelectuais contra a dominação norte-americana.

O ato de copiar e adaptar, adotado pela América Latina, mostrou-se benéfico, pois foi o pressuposto básico para o passo seguinte, a passagem para a consciência antropofágica.

Filhos da dominação cultural européia, os povos da América Latina herdaram sua visão unilateral, porém, já no início deste século, surgiram outras visões, outros apetites. Oswald de Andrade em seu *Manifesto Antropofágico* profere: “Só a antropofagia nos une.” O manifesto propunha a devoração da cultura e das técnicas importadas e sua reelaboração tendo como resultado um produto novo, exportável. Não mais o simulacro, a cópia servil, em seu lugar, a assimilação e a transformação, numa dessacralização do europeu e de seus modelos a serem copiados. Inspirou-se Oswald de Andrade⁴ no indígena americano, que come seu adversário, não para satisfazer sua fome ou gula, ou ainda, sua sede de vingança, mas para, ritualisticamente, apropriar-se de suas qualidades, como dignidade e coragem. Essa era a proposta de Oswald, retirar do outro o que criticamente fosse avaliado como precioso, sem, no entanto, desfazer-se de sua própria cultura.

Muitos de nossos modernistas, como Mário de Andrade e Menotti del Picchia, comungaram com Oswald do desejo de garantir fidelidade às raízes, ao mesmo tempo que se procurava acompanhar os passos das vanguardas européias. O mesmo se dava em nossos países vizinhos: Borges, com seu Ultraísmo, e Huidobro, elaborando o Criacionismo, são exemplos de escritores hispano-americanos que buscavam, cada um a seu modo e de maneira distinta do Modernismo brasileiro, os mesmos propósitos deste: fazer com que a Europa deixasse de ser o ponto de referência da América Latina, apesar de ainda inspirarem-se em suas vanguardas, procurando mostrar, também, que apesar de sermos diversos, somos integrados na totalidade que é a cultura humana.

Com o passar do tempo, esses escritores, mais maduros, abandonaram essas vanguardas, mas continuaram, ao longo de suas vidas, buscando a renovação da literatura latino-americana, para torná-la fonte de influências sobre os países outrora matrizes. Influência não mais na exotividade da paisagem ou dos costumes, mas na maneira dessacralizadora e antropofágica de escrever.⁵

No Brasil, a forma de expressão introduzida pelos modernistas ganhou equilíbrio, tornando-se cada vez mais um instrumento de pesquisa da realidade nacional, destaca-se, então, a **prosa regionalista**, que procurou, além de mostrar a realidade brasileira, aproximar a linguagem

literária à fala do povo, incorporando neologismos e termos regionalistas; a **prosa urbana**, onde a cidade entra em foco e a **prosa intimista**, marcada principalmente por Clarice Lispector. A prosa regionalista tem como grandes nomes, os escritores Jorge Amado, Rachel de Queirós e José Lins do Rego; e na prosa urbana, Érico Veríssimo e Marque Rabelo.

A prosa, na terceira fase (de 1945 em diante) do Modernismo brasileiro - para alguns já considerado como pós-modernismo -, continua a seguir essas mesmas linhas, porém, com tendência a um aprofundamento temático e sua renovação, principalmente, na prosa regionalista, na qual o grande destaque será João Guimarães Rosa, que vai se utilizar da matéria regional para construir uma obra de caráter universalizante. Também há nessa época o surgimento do “realismo fantástico”, que recria a realidade através de uma linguagem simbólica, muitas vezes, destituída de lógica e coerência, onde o autor esconde, atrás de metáforas, suas verdadeiras intenções. Murilo Rubião e José J. Veiga destacaram-se no uso desta forma de narrativa.

Na América hispânica, muitos autores foram ou ainda são adeptos do “realismo fantástico” - que, aliás, na América Latina, surgiu entre eles -, como Alejo Carpentier, Jorge Luis Borges e Gabriel Garcia Marques.⁶

Este tipo de narrativa, por ser simbólica e alegórica, se adequa muito bem às situações de opressão que a América Latina sempre enfrentou, mas com as quais iria se defrontar com mais força a partir da década de 60, quando ela foi praticamente loteada entre os caudilhos. Utilizaram-se do “realismo fantástico” os escritores que vendo seu povo oprimido, e inclusive eles próprios o sendo, procuraram fugir da tesoura das censuras estatais e denunciar essa opressão.

Criticava-se, então, a dura realidade social através de metáforas construídas com elementos fantásticos e insólitos, mas também, por intermédio das autobiografias e dos romances-reportagens.

Na década de 70, no Brasil, os romances-reportagens surgiram para suprir a lacuna deixada pelos jornais, que só podiam contar as notícias sobre um determinado ponto de vista, aquele que fosse favorável aos militares. *Feliz Ano Novo*, de Rubem Fonseca, *Lúcio Flávio*, livro de José Louzeiro, e *Quatro Olhos*, de Renato Pompeu, são exemplos de romances-reportagem; os primeiros mostrando, através da vida de marginais - uma situação singular -, a explosão da violência na vida cotidiana daqueles anos - situação geral -, e o último livro revela, através de alegorias, a censura contra os intelectuais, situação representada pelo personagem principal, que, após anos escrevendo um livro, “perde-o” e passa outros tantos anos tentando reescrevê-lo, sem sucesso.

As autobiografias e as memórias, principalmente as primeiras,

procuravam também dar conta do que ocorria nos “subterrâneos do poder”. Nas autobiografias contava-se um momento em particular da vida do próprio escritor, especialmente fatos ligados à repressão militar, à prisão e/ou às torturas sofridas. Esse tipo de literatura atingiu, por motivos óbvios, seu apogeu após a Anistia dada aos exilados e presos políticos no Governo Figueiredo. *O que é isso, companheiro?* e *Os Carbonários*, livros de Fernando Gabeira e Alfredo Sirkis, respectivamente, fazem parte da grande lista de autobiografias que apareceram entre o final da década de 70 e início da de 80.

Tanto as autobiografias quanto os romances-reportagens e os textos alegóricos comportavam-se à maneira de Caliban, rebelando-se e não se deixando devorar por aqueles que se consideravam os donos do Poder e da Verdade, “fiéis guardiães da Moral, da Família e da Segurança Nacional.”

Santa Catarina também foi atingido por essa onda de repressão que se iniciou com o golpe de 64 pelos militares. Também aqui, pessoas do povo e intelectuais foram alcançados pela violência da ditadura militar.

Salim Miguel, escritor catarinense, nascido no Líbano em 1924 e criado em Biguaçu, S.C., foi peça fundamental para a entrada (atrasada) do Modernismo na literatura catarinense, criando com outros intelectuais, para este fim, o Círculo de Arte Moderna e colaborando de forma intensa com o Grupo Sul (revista, editora, teatro, artes plásticas, música, clube de cinema, cinema). Jornalista profissional, chefiava o escritório da Agência Nacional, quando a dois de abril de 1964 foi preso em decorrência do golpe militar. *Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeia* é, como o subtítulo indica, o relato dessa prisão. É também o retrato de um escritor que, apesar de perplexo com aquela situação inesperada e indesejável, retira de cada fato, de cada ato, de cada ser humano encontrado durante sua prisão (e em sua vida), elementos (alimentos seria melhor dizer) para compor este livro. Encontramos, assim, uma primeira semelhança entre Caliban e Salim Miguel: ambos buscam a aproximação, a assimilação e a reelaboração do outro, enquanto os ditadores, sejam eles Próspero ou golpistas, procuram impor seus valores, anulando o outro.

CALIBANS, ARIÉIS E PRÓSPEROS

Ariel, para Rodó, é o império da razão, a espiritualidade da cultura contra o símbolo de sensualidade e torpeza que é Caliban. Segundo o autor, somos todos Calibans, “mísera argila”, “bloco de terra”, precisaríamos, por isso, aparar nossas arestas, pois somente pelo espírito, pelo raciocínio,

o homem alcançará o seu engrandecimento, acrisolando-se. A Ariel caberia o papel de nos ajudar nesse aperfeiçoamento, dando-nos o seu exemplo.

Uma das melhores formas de aprimorar-se é através da leitura. O narrador de *Primeiro de Abril* tem o hábito de ler. Esse hábito que, na prisão, em muitos momentos, serve para isolá-lo e distraí-lo de sua realidade, serve muitas vezes para digerir o outro, retirando dos livros experiências que sirvam para o aperfeiçoamento espiritual e intelectual.

A ânsia de saber, de possuir conhecimento, que Salim Miguel revela, poderia aproximá-lo de Próspero, que tem nos livros a fonte de seu saber e de sua proteção, não o aproxima, entretanto, devido ao uso que cada um deles faz desse conhecimento obtido. Se Salim Miguel utiliza-se dele para, antropofagicamente, aperfeiçoar-se, Próspero pretende, com ele, dominar o “selvagem”, o outro.

Para Próspero havia dois tipos de conhecimento, um que devia ser transmitido e outro, para seu uso exclusivo. O primeiro, servia para facilitar as relações de trabalho entre colonizado e colonizador, ou seja, garantiria a produção por parte do colonizado em favor do colonizador. O outro tipo de conhecimento era cifrado e o código de acesso estava exclusivamente nas mãos de Próspero, o colonizador, o professor, e em seus livros e ensinamentos, o que permitiria a ele continuar exercendo seu poder. Próspero proporciona a Caliban, na peça, acesso ao primeiro tipo de conhecimento, mas nega-lhe a chance de “ascender” ao segundo. Caliban, conhecedor dos poderes contido nos livros, tentando libertar-se do jugo opressor de Próspero, numa conversa com Trínculo e Estéfano afirma a este último que para vencer Próspero “(...) é preciso que te lembres/ de lhe tomar os livros, pois, sem eles,/ é um palerma como eu, já não dispondo/ de espírito nenhum sobre que mande./ Todos como eu, lhe têm ódio entranhado./ Basta queimar-lhe os livros.”⁷

As forças do golpe de 64 também queimam livros. E queimam os da Livraria Anita Garibaldi, numa “vergonhosa mancha a marcar indelevelmente aquele dia, aquela hora, aquele momento de trevas”⁸ em 1964, só porque ela outrora havia pertencido a Salim Miguel e era junto com este um símbolo de intelectualidade, de liberdade, de leitura e de expressão. Enquanto Caliban buscava com sua atitude - sugestão libertar-se do dominador, os golpistas procuraram com o fogo apagar a força do intelectual, de todos os intelectuais catarinenses. Caliban disse a certa altura: “Todos, como eu, lhe têm um ódio entranhado”, querendo dizer todos os dominados, todos os que foram ultrajados em sua cultura. A mesma frase poderia ter sido dita por Próspero ou por qualquer um dos membros do golpe de 64, adquirindo um outro sentido: Todos como eu, todos os que se sentem inferiorizados pelo saber e pela cultura alheios, lhe têm um ódio

entranhado (dos colonizados e dos intelectuais como Salim Miguel).

Nossos golpistas ditadores assemelham-se assim a Próspero: autoritários, controlando quem poderia ou não estar livre, de acordo com suas próprias “leis”, e, que classificavam em pé de igualdade um intelectual, um operário, um terrorista, um ladrão ou um assassino, num amálgama que lotou presídios (em prisões feitas com ou sem provas, muitas vezes motivadas por simples desafetos, eram presos todos os que poderiam impedir a execução de seus objetivos de dominação) e ceifou muitas vidas. Esses ditadores, a exemplo de Próspero, tinham também seus “livros de magia”, que eram todos os relatórios, fichários e pastas com recortes de jornais e revistas que serviam para incriminar um suspeito.⁹

Se Próspero e os golpistas usam muitas vezes da violência para se manterem no poder, nem Caliban nem Salim Miguel buscam nela a chave para sua libertação, apesar de estarem conscientes da tirania que lhes é imposta. Caliban até propõe queimar os livros de Próspero, mas o que repetidamente faz é valer-se da língua ensinada a ele para deitar sobre aquele e Ariel pragas terríveis que se assemelham às da Bíblia. A insubordinação de Salim Miguel, que se deve muitas vezes mais a sua ingenuidade e perplexidade diante de situações tão inusitadas para ele do que a um legítimo espírito de insubmissão, mais característico de Caliban, também é demonstrada através de palavras, como nas respostas dadas ao seu interpellador no capítulo “O Interrogatório” (p.60):

Ele (Dr. Jade) - Só mais duas perguntas: por que escolheu o nome do **comunista** Graciliano Ramos para a rua onde mora?

Tu (Salim) - Não escolhi o nome do **escritor**¹⁰ Graciliano Ramos. Foi uma decisão da Câmara Municipal.

Ele - Por sugestão sua, em projeto apresentado pelo Mimo, vereador comunista.

Tu - Projeto aprovado por unanimidade.

Ele - Como conseguiram isto?

Tu - Vai ver porque admiravam o escritor ou porque acharam que era um ramo desgarrado da família Ramos que se havia mudado para Alagoas. Primo distante do Nereu e do Celso.

Ele - Está fazendo tudo para me irritar, quer sair dizendo que passou por maus-tratos, foi torturado, essas mentiras que vocês espalham.

Tu - Existem diversos tipos de tortura. Uma delas a psicológica.

Ele - Não me diga!

Tu - Por essa passei, sabe melhor que eu.

Salim Miguel assinala nesta passagem ter sofrido tortura psicológica. E sofreu-a em diversos momentos: durante todo “O passeio”,

(como chamaram os policiais sua retirada da prisão, levando-o de carro até Biguaçu, no meio da noite) e especialmente na travessia da ponte Hercílio Luz, quando um dos guardas que o conduziu disse, ironicamente, ao outro: “bom-lugar-para-se-mergulhar-um-corpo”, e em seguida pergunta: “será-que-alguém-sabe-a-altura-exata-da-ponte-até-o-mar-e-o-impacto-de-um-corpo-na-água?” (p. 31); na suposta intenção de levá-lo à Fortaleza de Anhatomirim, “lugar temido, de lendas e de fantasias, cenário macabro de tantos crimes na época de Moreira César, os fuzilamentos, os enforcamentos, a árvore dos enforcados que periodicamente chora compridas lágrimas”(p. 33), as esperas intermináveis por interrogatórios que nunca aconteciam, a incomunicabilidade dos presos com o mundo de fora da prisão, etc. Todas essas situações procuravam minar a resistência de Salim Miguel para que ele admitisse sua suposta culpa.

É interessante notar que Ariel também sofre tortura psicológica - a ameaça de um novo aprisionamento na fenda do carvalho - enquanto Caliban sofre torturas físicas. Próspero acreditava que, aos homens de “pouco” saber, deveriam ser aplicadas penas corporais, e, aos mais delicados de espírito, castigos que os atingissem justamente no espírito e lhes roubassem a liberdade. Essa técnica de diferenciação nas torturas seria adotada pelos golpistas no início do golpe naquele Brasil de 64, sendo em breve deixada de lado, devido ao fato dela nem sempre ser “eficiente”. E os golpistas, então, passam a utilizar-se de ambos os tipos de torturas contra os presos políticos.¹¹

E, por último, é preciso destacar que tanto na peça “*A Tempestade*” quanto em *Primeiro de Abril*, os fatos desenrolam-se numa ilha. Ambos, Caliban e Salim Miguel vêem suas ilhas ultrajadas pela tirania de quem acredita que somente sua visão, sua cultura está certa e deve prevalecer.

CONCLUSÃO

Se o livro de Rodó, que tentava romper os grilhões que a hegemonia norte-americana tentava impor à América Latina, procurava ensinar uma lição e indicar o caminho a ser seguido e que ele acreditava ser o melhor para a América Latina, o mesmo não acontece em *Primeiro de Abril*. Nele não encontramos lição de moral, muito menos cobranças. Há críticas, sim, mas feitas dum jeito manso. O próprio autor escreve que sua prisão e os fatos decorrentes dela serviram para “conhecer um pouco mais o bicho-homem, com todas as suas forças e em toda a sua fragilidade”.

O fato de ter esperado trinta anos para contar sua história, afastando-se, ao mesmo tempo, de uma falsa impressão de vingança e do

“boom” dos romances autobiográficos das décadas de 70 e 80, reforça a atitude de Salim Miguel de resgatar de todas as coisas, de todos os fatos, o melhor e não de impor-se como vítima da situação. Sua prisão marcou-o indelevelmente, contudo ele soube utilizar-se dela como possibilidade de crescimento, de conhecer o outro, não se deixando afundar em meio aos ressentimentos, muito justos até, nem parou sua vida diante desse fato trágico.

Salim Miguel não se rotula como mártir e aos golpistas como algozes. Poderíamos afirmar que para ele não há somente Ariéis de um lado e Calibans de outro, e, nem um Próspero a reinar absoluto sobre todos. Talvez seja essa a única lição que ele se propôs a nos dar.

Contudo, como esse trabalho não é dele, ousou classificá-lo como Caliban e aos seus algozes, como Prósperos, mesmo sabendo que corro o risco, em primeiro lugar, de desagradá-lo, e depois de ir contra o *Zeitgeist*.

Salim Miguel foi Caliban na medida em que, por ironia, medo ou deboche, coragem ou indignação, voltou-se contra o opressor, não se deixando devorar, como já fizera Caliban. Como este também, em muitas de suas atitudes, dessacralizou o tirano, usando suas palavras como armadura e punhal. Caliban questionava Próspero sobre o seu direito de ocupar aquela ilha e arrogar-se como seu dono, criticava-o por ter lhe ensinado sua língua unicamente para poder dominá-lo melhor, enfim, profanava as imposições de Próspero com seus questionamentos. A atitude dessacralizante de Salim Miguel mostrava-se, a exemplo de Caliban, nos seus questionamentos das ordens e das perguntas dos golpistas durante os seus interrogatórios. Mas manifesta-se, acima de tudo, em sua essência antropofágica, de alimentar-se dos outros, mesmo do tirano.

Totalmente dessacralizante é o título de seu livro, Primeiro de Abril, dia dos “espertos” pegarem os “bobos”, na brincadeira infantil; um dia depois do golpe; véspera de sua prisão. O “bobo” Salim Miguel foi pego, como tantos outros o foram durante os vinte anos de ditadura. Os “espertos” se julgavam imbatíveis, mas foram, por sua vez, derrotados por aqueles que eles consideravam “bobos” e, que na maioria das vezes, sem pegar em armas, utilizaram-se apenas da força da palavra. Como Caliban. Como Salim.

Quanto a Ariel, o que tentamos fazer foi um destronamento de sua figura de inspirador e condutor de inteligências, sempre a apontar rumo à Europa. Ariel foi tão escravo quanto Caliban. Mas ao contrário deste último não se rebelou, porque a submissão lhe parecia o melhor caminho. Caliban e Salim Miguel, entretanto, apontam outros. Não sei se são os melhores caminhos, com certeza não são os mais fáceis, mas talvez sejam os mais dignos.

NOTAS

1. BOSI, Alfredo. "O tempo e os tempos", em NOVAES, Adauto (org.). *Tempo e História*, Cia. das Letras, São Paulo, 1992, p. 23.
2. Na *Carta* de Pero Vaz de Caminha, podemos ver o interesse material dos portugueses, bem como a intenção de devorar a cultura indígena para substituí-la pela européia, atendendo os propósitos 'reais': "... e imprimir-se-á neles qualquer cunho que lhes quiserem dar."
3. Montaigne faz um questionamento às avessas do que seria o esperado, perguntando quem seria mais bárbaro, o "selvagem" ou o "civilizado".
4. Oswald de Andrade, anos mais tarde, declarará ter sido influenciado por Montaigne e seus *Ensaíes*.
5. Borges serve de exemplo claro disso, dessacralizando a linguagem através da metalinguagem, no modo de conceber a literatura, dando ênfase ao leitor e antropofagizando textos de outros escritores, numa busca permanente de precursores e fontes.
6. Na realidade, cada um desses autores utiliza, para esta forma de narrativa, um nome diferente, como diferentes são também seus precursores.
7. SHAKESPEARE, William. *A Tempestade*, Ediouro, Rio de Janeiro, s.d., p. 18.
8. SALIM, Miguel. *Primeiro de Abril - Narrativas da Cadeia*, José Olympio / EDUFSCAR, Rio de Janeiro / São Carlos, 1994, p. 27.
9. Idem, p. 54.
10. Grifo nosso.
11. Salim Miguel demonstra isso em sua obra, nas páginas 8 e 103, diálogo 17.